

## Conexões de escrita do tempo, de espaços e do outro: heterologias na Revista do Instituto do Ceará (1887-1891)

*Connections between time, space, and the other: heterologies in the Revista do Instituto do Ceará (Journal of the Institute of Ceará) (1887-1891)*

Thiago Braga Teles da Rocha

 <https://orcid.org/0000-0003-4147-7019>

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

**Resumo:** Neste texto, por meio de um diálogo com a obra de Michel de Certeau, em especial com o conceito de heterologias, discuto a produção historiográfica presente nos cinco primeiros anos de publicação da *Revista do Instituto do Ceará*, lançada desde o primeiro ano de funcionamento do *Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*, fundado em 1887. No primeiro tópico, apresento a construção de narrativas históricas, com destaque para a obra de João Baptista Perdigão de Oliveira (1854-1929), indicando a composição de arquitextos para uma identidade histórica para o Ceará, explorando estratégias narrativas que afirmam os objetivos do discurso histórico. No segundo tópico, colocando em prisma diversas produções do recorte abordado, discuto se a dinâmica da *Revista do Instituto* caminha entre uma *fabricação* ou *invenção* na Escrita da História. Por fim, no último tópico, reflito sobre o lugar de nossa escrita da história e de possibilidades ainda em aberto para nossa temática de pesquisa.

**Palavras-chave:** Heterologias. Escrita da História. Instituto do Ceará.

**Abstract:** In this text, through a dialogue with the work of Michel de Certeau, especially with the concept of heterologies, I discuss the historiographical production present in the first five years of publication of the *Revista do Instituto do Ceará* (Journal of the Institute of Ceará), launched in the first year of operation of the *Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará* (Historical, Geographical, and Anthropological Institute of Ceará), founded in 1887. In the first topic, I present the construction of historical narratives, with emphasis on the work of João Baptista Perdigão de Oliveira (1854-1929), indicating the composition of architexts for a historical identity for Ceará, exploring narrative strategies that affirm the objectives of historical discourse. In the second topic, putting into perspective various productions of the approached section, I discuss whether the dynamics of the Institute's Magazine walks between fabrication or invention in the Writing of History. Finally, in the last topic, I reflect on the place of our writing of history and possibilities still open for our research theme.

**Keywords:** Heterologies. Writing of History. Instituto do Ceará.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

“[...] Nordeste é uma ficção!  
Nordeste nunca houve!”

*Não eu não sou do lugar  
Dos esquecidos  
Não sou da nação  
Dos condenados  
Não sou do sertão  
Dos ofendidos  
Você sabe bem  
Conheço o meu lugar  
Conheço o meu lugar...”*

(Belchior, *Conheço o meu lugar*, 1978)

Tenho um livro em mãos. É a última edição de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Nele, com maestria, a autora tece que “[...] minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia”, e “Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como *ficções da memória*. E como a memória esquece, há a necessidade da invenção” (EVARISTO, 2017, pp. 10 e 11). De sopro, enquanto historiador, atravessado por toda uma subjetividade que me constrói no meu ambiente profissional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2025), reflito sobre os limites de minha produção, de minha escrita, de minha representação. Como dar vazão a essa inquietação?

Recorro, então, a Michel de Certeau (2011, p. 48) para propiciar o gesto fundacional dessa pequena história da historiografia que nas próximas páginas tecerei. Em *A história, ciência e ficção*, texto que compõe a coletânea *História e psicanálise: entre ciência e ficção*, o autor, com perspicácia afirma:

1. o “real” produzido pela historiografia constitui, também, o legendário da instituição de historiadores; 2. o aparato científico – por exemplo, a informática – possui igualmente aspectos de ficção no trabalho do historiador; 3. ao vislumbrar a relação do discurso com quem o produz – ou seja, alternadamente, com uma instituição profissional e com uma metodologia científica –, é possível considerar a historiografia como uma mistura entre ciência e ficção, ou como um lugar em que se reintroduz no tempo.

Ora, se a ciência e a ficção se misturam no processo profissional de produção do discurso histórico, como responderei ao que *fabrica* um historiador a partir de seu olhar? O que *faz* de sua relação com o *outro*? Que *ausências* são incontornáveis em nossa relação de *vida, pesquisa e escrita*? Apressadamente, poderia responder que a resposta seria um *texto*, ou melhor, *uma escrita*, como é intitulada a última das dimensões discutidas por Certeau em sua *A operação historiográfica*, texto central de *A escrita da história* (2010 [1975]).

Esta escrita parte de diálogos com Michel de Certeau (1925-1986), autor que me indica caminhos para uma *crença* em nossa episteme, baseada em avanços na percepção



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

que nosso olhar é atravessado por um *lugar social de produção* em uma relação constante de *alteridade* com os sujeitos que estudamos, geralmente distantes de nós, sejam eles no tempo e/ou espaço.

A partir da obra de Michel de Certeau, a quem homenageio por seu centenário de nascimento e cinquentenário de publicação de seu livro mais fundamental para o ofício da historiografia, *A escrita da história*, reúno condições de propor diálogos com outros intercessores, como a epígrafe acima, do sobralense Antonio Carlos Belchior, em *Conheço meu lugar*, música de 1978, do álbum *Todos os Sentidos*. Desses dois materiais dispersos no tempo, pergunto, “O Ceará é uma ficção? O Ceará nunca houve?”. Uma instituição luta incansavelmente para responder negativamente a estas questões. Nos últimos 138 anos, o *Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*, conhecido simplesmente como *Instituto do Ceará*, é protagonista da escrita do tempo e do espaço no Ceará. Escreve e inscreve, quase que ininterruptamente, o *outro*. É por meio dela que desejo continuar o diálogo com Certeau.

Lanço o olhar para um conceito fundamental à compreensão do ofício do historiador em perspectiva certeuniana, o de *heterologia*, que o autor define como “discursos sobre o outro” (CERTEAU, 2010, p. 15). Se para Certeau o desejo de conhecer o *outro* é o grande objetivo da história, essa pulsão é movida por um quadro composto pelo múltiplo, pelo diversificado, por uma busca por conhecer a lógica, a cultura, o saber, a episteme do diferente.

Como afirma Michel de Certeau na introdução de *A escrita da história*, intitulada *Escritas e Histórias*, “O outro é o fantasma da historiografia. O objeto que ela busca, que ela honra e que ela sepulta” (CERTEAU, 2010, p. 14). Esse processo contínuo de busca pela compreensão do outro é realizado em forma de clivagem, de separação. De forma ainda mais direta, motivada por uma de suas belas perguntas retóricas, o autor define o que é o produto da representação do conhecimento histórico. Segundo ele, “Mas o que é um texto histórico? Uma *organização* semântica destinada a dizer o *outro*: uma estruturação associada à produção (ou manifestação) de uma ausência” (2021, p. 56).

Reforcemos que a chave da *ausência* é essencial para a compreensão do pensamento de Michel de Certeau. O par *ausência* e *outro*, ou melhor, o *ser ausente*, é o grande objeto de interesse e reflexão na prática historiográfica. Para Certeau (2011, p. 181), no famoso artigo *O ausente da história*, publicado no Brasil na coletânea *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*,

[...] a história implica uma relação com o *outro* enquanto ele está *ausente*, embora um ausente particular, aquele que “já era” [“a *passé*”], como diz a linguagem popular. Qual é, portanto, o estatuto desse discurso que se constitui ao falar de seu outro? Como funciona essa *heterologia* que é a história, *logos* do outro?

Uma das respostas que o autor propõe a essas indagações, ao fim do mesmo artigo, é que a história “[...] organiza uma presença faltante” (CERTEAU, 2011, p. 188). É, então, a historiografia uma forma de organizar presenças e, especialmente, ausências, dando forma a uma realidade a partir de um diálogo com os vestígios deixados no tempo.

Por meio de seu periódico, a *Revista do Instituto*, publicada regularmente desde 1887, diversos autores teceram narrativas que passaram a dar forma à ordem do tempo



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

para a espacialidade concebida como Ceará, “organizando uma semântica destinada a dizer o outro”, pegando de empréstimos as palavras de Certeau. Mas que lugar social de produção seria este? Em diálogo com Manoel Luís Salgado Guimarães (1888, p. 5), um grande leitor de Certeau, podemos interpretar que o Instituto do Ceará não fugiu da perspectiva de outras academias fundadas pelo Brasil ao longo do século XIX, sendo “[...] espaço da academia de escolhidos e eleitos a partir de relações sociais”, em vez de um espaço de competição universitária, estruturando-se como “[...] lugar privilegiado da produção historiográfica no Brasil permanecerá até um período bastante avançado do século XIX vincado por uma profunda marca elitista, herdeira muito próxima de uma tradição iluminista”. Existir um Instituto Histórico e, além disso, um periódico, era constituir uma delimitação de um exercício de poder.

Agregou-se identidade, ao passo que foi demonstrada uma centralidade de Fortaleza — onde o instituto é sediado desde sua fundação —, sobre as demais espacialidades e produtores de narrativas a respeito do tempo pretérito, enredando os homens e mulheres no tempo e no espaço, que compunham a antiga província e o hoje estado do Ceará, revelando uma relação de centro-periferia. Hoje, podemos realizar essa análise com uma chave já recorrente na historiografia, como podemos notar no trabalho de Dipesh Chakrabarty (2021) em *O artifício da história: provincializando a Europa*, pois o historiador, em meio a tensões nos processos de construções do saber, “o relato organiza espaços” (CERTEAU, 2015, p. 53).

Todavia, nesse texto, busco trazer resultados de uma série de levantamentos ligado ao projeto em desenvolvimento na Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, O lugar do outro na História da Historiografia do Ceará, que objetiva refletir acerca das diversas escritas sobre o tempo publicadas na *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*, entre 1887, fundação do *Instituto do Ceará*, até 1930, com o fim da Primeira República (1889-1930). Ou seja, o problema inicial de pesquisa que delimito, mas não fecho, é o de, por meio da História da Historiografia do Ceará, estudar as representações realizadas por historiadores ligados ao *Instituto do Ceará* acerca de *outros* (povos, culturas, espacialidades, temporalidades...), mediante ao que François Hartog (2014, p. 297) chama de uma *arqueologia do olhar* do historiador.

Faço aqui, nessa primeira escrita, uma *clivagem*, como Certeau nomeia esse processo de seleção próprio da historiografia. Discorro, especialmente, sobre os artigos publicados por João Baptista Perdigão de Oliveira (1854-1929), sócio fundador do *Instituto do Ceará* e um dos mais assíduos contribuidores, nos cinco primeiros anos de publicação da *Revista do Instituto* (1887-1891). Entendo que esse período simboliza a fundação e afirmação de uma retórica espacial para o Ceará e o autor é publicador frequente de textos nesse período. Ou seja, o olhar de Perdigão de Oliveira será analisado em seu gesto fundacional. Devido a grande quantidade de textos, e o enfoque de uma apresentação das abordagens temáticas, não foi empreendida uma abordagem detalhada de cada produção, mas sim a construção de uma imagem do recorte trabalhado, indicando quais gêneros, temas, espaços e tempos foram privilegiados pelos autores.

Para isso, o diálogo com a obra de Michel de Certeau é tão essencial. A compreensão da história como *heterologia*, ou seja, o *logos do outro*, o *olhar da alteridade*, possibilita formas de conhecer, de estudar, de dialogar com o diferente. Podemos questionar que escolhas são postuladas nos primeiros anos de produção da *Revista do Instituto*,



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

identificando que são os “outros” na narrativa historiográfica e, especialmente, se eles são colocados dentro dos enquadramentos narrativos empreendidos. Este caminho encontra diálogo possível com outros historiadores, como a recente proposta de Dominick LaCapra (2023), em *Compreender Outros*. Com LaCapra, concordo que “História, memória e identidade podem ser marcadas tanto pelo desejo de unificação ou integração como por processos de descentramento, pluralização e divisão” (p. 160) e que nós, historiadores, incluindo Michel de Certeau (interlocutor de LaCapra na obra), temos um papel de “coimplicação” em nosso processo de escrita da história, ao revelarmos o *outro*, enquanto também revelamos a nós mesmos (p. 41).

Para além das perguntas que abrem esse texto, em óbvia alusão à famosa abertura de *A operação historiográfica*, busco pensar a relação que a própria operação historiografia empreende em mim, enquanto sujeito ativo que vive e escreve história. Para pensar isso, sinto dizer que quebrarei uma das leis fundamentais da escrita da história quando *A operação historiográfica* (2010 [1975]) foi publicada, o pacto narrativo do “nós” no texto. Escreverei em primeira pessoa do singular, pois o meu *eu* será testemunha de sua relação com o *outro*, nesse caso, os sujeitos que escreveram história na *Revista do Instituto*, ao passo que sou atravessado por reflexões que articulo com Michel de Certeau.

Enquanto me subjetivo, continuamente, enquanto historiador, também analiso como nas edições da *Revista do Instituto*, todas disponíveis de forma digitalizada no *site do Instituto do Ceará*, foram construídas, por meio de *histórias, corografias, biografias, genealogias, geografias* e outros gêneros de escrita presentes no periódico, as representações sobre a antiga *província* e, posterior, *estado* do Ceará, identificando tempos e espaços agrimensurados junto aos autores. Estes gêneros, como outros importantes trabalhos já apontaram (OLIVEIRA, 2007; PEIXOTO, 2005), eram comuns nas composições realizadas pelas academias e institutos existentes no Brasil.

O texto, além dessa introdução, está dividido em outros três tópicos. No primeiro, *O lugar do outro, a invenção de si*, reflito sobre os primeiros cinco anos de publicação da *Revista do Instituto do Ceará*, entre os anos de 1887 e 1891, tendo como principal chave de análise a produção de João Baptista Perdigão de Oliveira (1854-1929), sócio fundador do Instituto do Ceará e que, de forma ampla, agrimensura diferentes espaços e *verifica* textos de outros historiadores para, em um movimento de tensão, instituir uma verdade histórica para a composição do Ceará. No segundo tópico, *Inventar ou fabricar, o que a Revista do Instituto produz ao fazer história?*, discuto os conceitos de invenção e fabricação para o conhecimento histórico, colocando Michel de Certeau em diálogo com um de seus principais leitores no Brasil, a quem também agradeço meu repertório de imaginação histórica, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1961), tendo como enfoque, com uma vista aérea, as produções de categorização historiográfica na *Revista do Instituto* nesses anos. Por fim, no terceiro tópico, *O lugar do morto e o lugar do espaço...*, faço um balanço final do texto, ainda guiado pelo diálogo com Certeau e outros intercessores.

## O lugar do outro, a invenção de si

Em 138 anos de circulação, a *Revista do Instituto* trouxe em suas páginas diversos materiais dispersos que, por meio da problemática proposta, auxiliam-nos a entender as hierarquias destas dimensões desde a disposição no corpo da revista, bem como nas



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

elaborações de edições comemorativas e na repetição de enunciados e autores ao longo do tempo. Desejamos, nas páginas a seguir, analisar uma fração desse arquivo, entre os anos de 1887 e 1891, identificando como entre fins do Período Imperial e o início da Primeira República foram realizadas as operações de construção, ritualização, monumentalização e afirmação de identidades no Ceará.

Esse processo não ocorreu de forma “neutra” e nem “natural”. Como diria Michel de Certeau (2010), houve a produção de um *lugar social* de produção do saber histórico, que legitimou o processo de escrita da história empreendido. Esse processo surge a partir das disputas empreendidas pela dita classe intelectual de Fortaleza para reservar um passado para a capital da província e, posteriormente, do estado do Ceará. É, como diz Certeau (1995, pp. 79 e 80) em outro famoso texto, *A beleza do morto*,

Para o historiador, assim como para o etnólogo, o objetivo é fazer funcionar um conjunto cultural, fazer com que apareçam suas leis, ouvir seus silêncios, estruturar uma paisagem que não poderia ser um simples reflexo, sob pena de nada ser. Mas seria um erro acreditar que esses instrumentos sejam neutros e seu olhar, inerte: nada se oferece, tudo deve ser tomado, e a mesma violência da interpretação pode aqui criar ou suprimir.

Importantes trabalhos foram desenvolvidos nos últimos anos tendo o *Instituto do Ceará* como protagonista, com destaque para as pesquisas de Karla Rodrigues (2016), *Um filho para a Pátria: A construção da memória em torno de General Tibúrcio e a Escrita da História do Ceará (1887- 1937)*, Camila Freire (2018), *O Instituto do Ceará e a identidade regional a partir do movimento abolicionista cearense (1884-1956)*, José Vitoriano de Oliveira (2023), *Normas e formas da escrita da História do Ceará (1884-1903)*, e Almir Leal de Oliveira (2025), *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará: memória, representações e pensamento social (1887-1914)* – tese defendida no começo dos anos 2000 e publicada em livro apenas recentemente. Todavia, pouco se discutiu de como o próprio *Instituto do Ceará* é criador de uma ideia de centralidade do discurso histórico que coloca a si e a capital do Ceará como polos de atração para as narrativas.

Este lugar de constituição de *arquitéxtos* é o grande autorizador de uma engenharia de discursos, é a fornalha de que responde como *lugar social de produção* de narrativas sobre o Ceará, produzindo o que foi (e de muitos modos ainda é) considerado como “obra valiosa” para a historiografia desta espacialidade. Mas, retornando Certeau (2021, p. 59),

[...] o que é uma “obra valiosa” na história? Aquela que é reconhecida como tal como por colegas de ofício. Aquela que representa um *progresso em relação ao estado atual* das perspectivas e dos métodos. Aquela que, vinculada por toda sua elaboração ao ambiente em que aparece, torna possíveis, por sua vez, novas questões e novos estudos.

Estas obras valiosas só puderam se tornar possíveis por uma rede de apoio mútuo que funcionou a partir da *Revista do Instituto*. Enquanto novos autores a escreverem a história do Ceará, os sócios fundadores do *Instituto do Ceará* atuaram enquanto sujeitos que legitimaram trabalhos anteriores a si, ao mesmo passo que ressoavam os produtos do próprio grupo, sem terem entre si, é claro, divergências, especialmente geracionais. Processos assim Manoel Luiz Salgado Guimarães (2003), em *A cultura histórica*



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

*oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar*, chama de tensões próprias do momento de emergência de escrita da história.

As tensões inerentes ao processo de escrita da história empreendidas pelos autores que publicam na *Revista do Instituto do Ceará* se relacionam com o processo de invenção de espaços e sujeitos nas narrativas, inferindo na invenção de identidades por meio do discurso histórico, onde os escritores do passado ligados ao *Instituto do Ceará*, hierarquizaram a relação com o *outro*. Nesse sentido, a compreensão da lógica do diferente, seria necessária para a contraposição da identidade a ser criada.

Lembremos que a historiografia não deve ser vista dentro de uma perspectiva estanque em seu fazer. A forma como o fazer historiográfico se desenvolve varia no tempo e no espaço e, no caso brasileiro, ao nos debruçarmos sobre as produções de fins do século XIX e início do século XX, aponta para narrativas que, como afirma Maria da Glória Oliveira (2015), em diálogo com Temístocles Cezar (2011), compõem

[...] uma *retórica da nacionalidade*, ou seja, como um conjunto de estratégias discursivas utilizadas com vistas a persuadir os brasileiro de que, a despeito da natureza heterogênea e compósita de sua formação social, partilhavam de um mesmo passado, e, por consequência, de uma mesma origem e de uma mesma identidade (OLIVEIRA, 2015, p. 276).

A *Revista do Instituto* é, portanto, tratada como uma grande referência para a constituição do saber histórico e sobre a construção de identidades sobre o Ceará, dando a ele uma mesma origem e identidade. Ela foi palco para o que Certeau (2021) nomeou, dentro do gênero historiográfico, como “objeto histórico”, ou seja, “o livro ou o artigo publicado”, que

[...] é o *produto* de uma operação articulada a partir de um *trabalho* coletivo que, por sua vez, está relacionado a funções e condicionantes na sociedade presente (a situação do grupo dos historiadores, o estatuto acadêmico de uma disciplina, o papel atribuído à pesquisa, a organização da edição ou da mídia, o tipo de consumo específico a determinado público etc.). (p. 59)

Nos primeiros anos de publicação da *Revista do Instituto*, o movimento de agrimensura do *outro* nos “*objetos históricos*” da revista, ou seja, seus artigos, é bem evidente. Já em 1887, ano de fundação do Instituto e de lançamento de seu periódico, são publicados dois artigos que simbolizam o gesto fundacional e a construção de uma narrativa de centralidade do poder. Em *Registro de Memória dos Primeiros Estabelecimentos*, é reproduzido um texto de 1795 de autoria de Manoel Esteves de Almeida, vereador de Aracati à época da produção do manuscrito. Sua publicação é mediada por “Julio Cezar”, como aponta a abertura do documento. Pela adjetivação de “consórcio” do *Instituto do Ceará*, identificamos ele como Júlio César da Fonseca Filho (1850-1931), um dos sócios fundadores da instituição de letrados. Em quatro páginas, monta-se uma pequena cronologia dos primeiros cinquenta anos da Vila de Aracati, o que garante a ela papel de destaque na composição de discurso de “mito de origem” do Ceará.

Ainda no ano de fundação, publica-se o longo texto *A primeira Villa da Província: notas para a História do Ceará*, de João Baptista Perdigão de Oliveira (1854-1929). Nas cento e uma páginas escritas, originalmente publicado no jornal *Pedro II*, de Fortaleza, entre



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

dezembro de 1885 e maio de 1886, o autor constrói toda uma argumentação para a importância das origens políticas do Ceará e de seu postulado civilizacional. Não à toa, ainda nos primeiros parágrafos, Perdigão de Oliveira (1887, p. 104) tece que

[...] é certo que um povo, que não sabe sua vida íntima, que desconhece a história de seu passado, e não sabe dizer d'onde provém, que não pôde contar suas glórias, nem a amargura de sua tristeza, que em conjuntamente no pó dos arquivos a virtude e o vício sem poder apresentar aqeuilla á admiração e este á animadversão de todos, esse povo não pôde pretender os fóros de civilizado.<sup>1</sup>

O ideal de civilização e de escrita da história andam lado a lado, definindo o poder do discurso escrito frente às tradições orais. O *graphen*, o *phámakon* que Ricoeur (2007) fala, torna-se fundamental na composição de um passado. A ideia da importância da historiografia para a sociedade ocidental permeia toda *A escrita da história* (2010 [1975]), e talvez toda a produção de Certeau. A compreensão de que o historiador realiza sempre uma relação de alteridade com o que estuda, seja pela distância espacial, temporal ou cultural, é uma das grandes contribuições que Certeau defende em sua escrita, evidenciando uma grande influência da antropologia em seus estudos. É a terceira parte do livro, *Os sistemas de sentido: o escrito e o oral*, que talvez seja o mais explícito nessa perspectiva. O capítulo que abre essa sessão, o de número V, certamente, é o mais denso e repleto de alusões a essa correlação entre história e antropologia, pois *Etnografia: A oralidade ou o espaço do outro: Léry*, dialoga com a produção narrativa de Jean de Léry em sua viagem ao Brasil ainda no século XVI e, realizando um profundo debate sobre categorias próprias da história e da etnografia, realiza a interação entre escrito e oral.

*Escrita, temporalidade, identidade e consciência* se contrapõe no discurso histórico, na interpretação de Certeau, aos corolários do século XVII, onde *oralidade, espacialidade, alteridade e inconsciência* eram as marcas da composição do que fora chamado de etnologia. A historiografia, em seu radical de escrita, compõe o outro, a lógica do outro, sua heterologia. Como afirma Certeau (2010, p. 212), “A história é homogênea nos documentos da atividade ocidental. Atribui-lhes uma ‘consciência’ que pode reconhecer”, pois a palavra dá estabilidade à produção de uma visão tradicional de arquivo. Isso produz interrogações. Continuando, Certeau problematiza: “Interrogo-me sobre o alcance desta *palavra* instituída no *lugar do outro* e destinada a ser escutada de uma *forma diferente* da que fala” (idem). Ora, que histórias, que fabricações de passados são possíveis dentro de uma lógica do historiador? Que narrativas estabiliza em função do esquecimento e da seletividade de outros? Que sujeitos ganham vida ao passo que outros ganham o limbo?

O poder está e permanece na escrita. Como o próprio Certeau (2010, p. 17) em *Escritas e Histórias*, sua introdução de *A escrita da história*, “Esse procedimento paradoxal [a historiografia] se simboliza e se efetua num gesto que tem ao mesmo tempo valor de mito, de rito, a escrita”. A escrita da história pode (e deve) ser entendida também como uma construção de ritualizações sobre o passado, compondo imaginários e formas de ver e sentir o tempo.

*A Revista do Instituto*, de uma forma geral, e mais precisamente Perdigão de Oliveira

<sup>1</sup> Nesta e nas próximas citações diretas aos manuscritos da *Revista do Instituto*, foram mantidas as grafias originais.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

como um dos autores mais presentes nos primeiros anos de publicação, cumpre bem o papel de construção de um passado comum ao Ceará, com a elaboração de diversos manuscritos, de variadas formas, estilos e tamanhos, que versam sobre balizas espaciais ou factuais que ajudem a compor uma ideia de passado comum. Este passado comum é, desde o primeiro ano de publicação, excludente. Sintetiza uma visão de uma sociedade cearense pautada na presença de portugueses e católicos como os vetores do desenvolvimento social e político.

Em 1888, ganham as páginas na *Revista do Instituto* um processo contínuo de elaboração do Ceará e das espacialidades que a compõem. A *Descrição do município de Barbalha*, publicado em 1888 (pp. 9-13), de Guilherme Chambly Studart (1856-1936), o Barão de Studart, busca agrimensurar uma região no centro-sul da então província, em cinco páginas, com dados geográficos e espaciais. Há também os dois volumes de *Município de Pereiro* (Vasconcelos, 1888, pp. 103-108; 237-246), publicados em 1888, assinado por Antonio Augusto de Vasconcelos (1852-1930), apresentando uma narrativa do pequeno município que compõe a bacia do Jaguaribe e faz divisa com o Rio Grande do Norte. Há o artigo *Fortaleza do Ceará* (Fonseca, 1888, pp. 121-135), de Paulino Nogueira Borges da Fonseca (1842-1908), refletindo sobre a fundação do forte que dá nome a cidade de Fortaleza.

O ano de 1888 traz ainda outros textos muito relevantes para a composição de uma ideia de Ceará. Uma resenha de *Resumo Chronologico para a História do Ceará*, de autoria de João Brigido dos Santos (1829-1921), é publicada por João Baptista Perdigão de Oliveira (1888b, pp. 25-79). Em cinquenta e cinco páginas, Perdigão de Oliveira busca tecer críticas e elogios a obra, pois, como argumento,

[...] no estado actual de nossa Historia, queremos dizer, actualmente, quando a Historia do Ceará acha-se ainda estado de elaboração, pois que as datas de diversos factos seus, sinão os próprio factos, sofrem contextações, o livro do Sr. Major J. Brigido, pare-nos, devia motivar mais que o simples elogio – uma critica justa, imparcial, que mostrando o merito desse trabalho apresentasse-nos também seus erros ou defeitos (pp. 25-26).

A ação de Perdigão de Oliveira é justificada pelo “dever” dos “membros do Instituto” (p. 26). É uma visão de disciplinarização do tempo fundamental para essa primeira atividade historiadora empreendida no *Instituto do Ceará*. Perdigão persegue a construção de uma “verdade histórica” que estabeleça a sua narrativa como eficaz. Por isso, no mesmo ano, publica *A Primeira Freguezia da Província* (1888a, pp. 223-236), onde reflete sobre as publicações anteriores de autores como Tomás Pompeu de Sousa (1818-1877), o Senador Pompeu, e Tristão de Alencar Araripe (1821-1921), o Conselheiro Araripe, a fim de demonstrar que ainda não era possível afirmar qual e quando fora fundada a primeira freguesia do que veio a se configurar como Ceará. O conceito de história pensado por Perdigão de Oliveira, e partilhado por muitos de seus contemporâneos, é fortemente influenciado pela dinâmica de produção do saber histórico no século XIX ligado as academias e aos institutos, com priorização pelo documento escrito, de caráter oficial, buscando uma possibilidade de composição de uma cronologia que estabeleça a verdade dos acontecimentos.

Este percurso de construção de uma ordem do tempo e do espaço, configurando o



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

outro, ganha continuidade nos anos seguintes. Em 1890, *Um capítulo da História do Ceará – Ligeiras Rectificações - Conquista dos Indígenas*, Perdigão de Oliveira (1890b, pp. 118-159) faz novas correções à obra de Tristão de Alencar Araripe, o Conselheiro Araripe. O texto traz diversas correções no âmbito cronológico e factual da narrativa, munida de documentação reproduzida em anexo, mas conservando uma visão marcada por preconceitos e estereótipos sobre as populações indígenas, postulando uma hierarquia de culturas e histórias.

Aqui, o texto de Perdigão de Oliveira novamente me faz lembrar uma das passagens de Michel de Certeau, quando este se centra na análise do *lugar do outro* na produção de um discurso. Segundo Certeau (2021), “O discurso é especificado em seu outro; ele extroverte-se. É organizado pela enunciação, por um contrato a estabelecer ou por um efeito a obter” (p. 47). Por meio da construção do que era ser “índio” e de como foi o processo de “conquista” das populações originárias no que hoje é o Ceará, construiu-se uma afirmação dos ideais de “cearense”, munidos de influência da colonização portuguesa. O Ceará, nessa dimensão narrativa, seria uma herança da civilização portuguesa. A lógica do diferente, a heterologia, serviria para dar sentido a uma ideia de unidade para a identidade do ser cearense.

Ainda em 1890 (pp. 273-296), Perdigão de Oliveira publica *A Villa de Quixeramobim*, em que contrapõe o discurso de hierarquia sobre os indígenas a uma narrativa apologética sobre a presença dos portugueses e seus descendentes que propiciaram, ainda em 1789, a criação da vila. Algo similar, em 1891, parece ocorrer quando o autor publica, sob o título de *Creação da Villa de Sobral* (OLIVEIRA, 1891, pp. 109-120), uma série de documentos acerca elevação do povoado da Caiçara a condição de vila, buscando consolidar a data de 5 de julho de 1773 como a de criação do termo, após a autorização ter sido dada pelo governador de Pernambuco em 14 de julho de 1772. A dúvida é consequência da publicação de um *Resumo Chronologico* publicado por João Brígido em 1876, que afirmava ser a vila de 5 de julho de 1779, ou seja, seis anos depois. Restaurar a ordem dos documentos e do tempo era algo fundamental para Perdigão de Oliveira, especialmente porque consolidava uma noção de antiguidade e tradicionalidade mais elevada com uma data mais distante do presente. Lembremos que a apreciação da obra de João Brígido já ocorrera antes. Uma tensão disciplinar fica evidente entre os textos de Perdigão de Oliveira em relação às publicações realizadas por João Brígido.

Em uma visão ampla, podemos notar que as publicações de Perdigão de Oliveira nos cinco primeiros anos do periódico do *Instituto do Ceará*, constrói uma relação de hierarquização junto aos *outros*, ou seja, aos sujeitos que não compõem um ideário de identidade branca e europeia, constituindo mitos fundadores para espacialidades que compõem, em conjunto, o próprio Ceará.

### **Inventar ou fabricar, o que a Revista do Instituto produz ao fazer história?**

O que *fazemos* ao escrever história, uma *fabricação* ou uma *invenção*? *Ciência* ou *arte*? A oposição entre estas dimensões ainda faz sentido? Talvez, após 100 anos de nascimento de Michel de Certeau, e cinquenta anos da publicação de *A escrita da história*, e de seu artigo central, *A operação historiográfica*, ainda tenhamos pretextos para esse debate que marca uma crise contínua que, em meio a sua tensão, produz um conhecimento



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

em constante deslocamento.

Respondamos à primeira questão, ou ao menos tentemos... A ideia de “fabricação”, presente no questionamento inicial de Michel de Certeau em *A operação historiográfica*, surge ao perguntar “O que *fabrica* o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? Que produz?” (CERTEAU, 2010, p. 65). Tais perguntas são respondidas de forma detida no texto, o que, resumidamente, podemos entender como o historiador produzindo uma *narrativa*, uma forma de *discurso epistêmico*, mediado por um *lugar social de produção* e pelas *práticas disciplinares e metodológicas* que atravessam e sustentam sua representação sobre o passado.

Apesar da boa recepção entre os pares ao longo dos anos 1980 e 1990, essa metáfora não passou despercebida pela crítica historiográfica no Brasil. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ao comentar a lógica de fabricação de proposta por Certeau, afirma que “A historiografia seria uma maquinaria narrativa que usinaria o passado, buscando dar forma à mecânica que azeitaria os processos que se desenrolaram em dado tempo e espaço”, afirmando ainda que “para Certeau, as maquinações se davam na hora da fabricação da narrativa histórica” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 27).

Isso, de fato, coaduna com umas das formas como Michel de Certeau concebe o ofício do historiador. Segundo ele, “À semelhança do produto lançado por uma fábrica, o estudo histórico refere-se ao ‘complexo’ de uma fabricação específica e localizada muito mais do que a uma significação e a uma ‘realidade’ exumadas do passado” (CERTEAU, 2021, p. 59). Certeau não vê apenas como uma engenharia de montagem de discursos em linhas de montagens, mas apega-se a toda complexidade que um produto fabril institui em fazer, perpassando por várias fases desde a apropriação de matérias-primas, no caso, as fontes, até chegar ao produto que, como vimos é o “objeto histórico”, ou seja, uma representação discursiva sobre o passado.

Entretanto, segundo Albuquerque Júnior, imagens fabris, como as utilizadas por Michel de Certeau ou por Karl Marx, não são as metáforas ideais para representarem o ofício do historiador. Segundo ele, a alternativa é outra, “O trabalho do historiador me parece ter mais analogia com o trabalho artesanal do que com o trabalho na grande indústria. O historiador me parece habitar mais um ateliê do que um espaço fabril” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 28). Nada mais justo para a visão do autor que, em ensaio super influente, afirmou, anos antes, que a *História é a arte de inventar o passado* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

Aqui podemos pensar a história entre dois conceitos de sua produção, o da *fabricação* ou o da *invenção*. Se a imagem fabril da *Operação historiográfica* se assemelharia a uma linha de montagem de discursos, compreendendo a escrita da história como uma forma de compreender a usinaria de discursos. A visão de Albuquerque Júnior enfatiza a dimensão artística, inventiva e criativa, articulada em obras como *História: a arte de inventar o passado* e, especialmente, o clássico da historiografia *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Mais que isso, podemos lembrar que os conceitos de *fabricação* e *invenção* também foram utilizados por Michel de Certeau e Durval Muniz de Albuquerque Júnior em outras de suas obras, mas de maneira diversa, vide *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (Certeau, 2009), para o primeiro, e *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste: 1920-1930)* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013), para o segundo. Creio, dessa forma, que mais que conceitos excludentes, eles podem ser pensados como



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

possibilidades próprias para o ofício do historiador.

O próprio historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior tece uma boa definição da noção de fabricação, quando a utiliza em *A feira dos mitos* (2013). Segundo ele,

O que chamamos de fabricação neste texto – outro conceito que compõe o título desse trabalho – são as operações que foram necessárias para esvaziar dadas práticas culturais, dadas matérias e formas de expressão de seus sentidos anteriores para que elas se tornassem significantes, formas disponíveis para assumir a nova significação atribuída pelos conceitos de folclore e cultura nordestina. Chamamos de fabricação as atividades que foram necessárias para atribuir uma nova memória e outra história a formas e matérias culturais que, no mesmo momento e através da mesma operação, eram esvaziadas de outras memórias e da historicidade singular que se havia permitido emergir (p. 30).

Assim, o modo de fabricação cultural, na visão de Albuquerque Júnior, é uma estratégia de construção de nova memória que esvazia práticas culturais. É, de certa forma, uma concepção que se assemelha a ideia de “reprodutibilidade técnica” que retira do postulado artístico o que mais o dá identidade, ou seja, “sua aura”, se adotarmos um léxico benjaminiano, ou o seu sentido, como apresenta Albuquerque Júnior.

A meu modo de ver, as duas formas de compreender o ofício do historiador são possíveis e não excludentes, haja vista que tanto a dimensão da escrita comporta a necessidade, como lembra Paul Ricoeur (2010), de inventarmos um novo tempo, o *narrado*, que parte da dimensão interpretativa do historiador sobre o tempo vivido e sobre os procedimentos metodológicos inerentes ao ofício do historiador. Isso não exclui a dimensão criativa, inventiva, artística da história, pois, como o próprio Albuquerque Júnior bem apresenta, a história é ciência expressa em arte (2007), algo pensando também, décadas antes, por Marc Bloch em *Apologia da História, ou, O ofício de historiador* (BLOCH, 2001).

Mas, a questão que nos impõe é, a produção dos discursos na *Revista do Instituto*, especialmente nos primeiros anos, é uma forma de invenção, no sentido artístico de sua forma, ou uma fabricação, em meio às suas questões operacionais e estéticas? Primeiramente, vamos apresentar quais gêneros são explorados nos primeiros cinco anos de revista.

Apesar de concordar com o argumento da historiadora Maria da Glória Oliveira (2007), que “Toda tentativa de classificação defronta-se, portanto, com o problema da heterogeneidade e irredutibilidade desses textos a uma categoria genérica de composição” (p. 155), compreendo que esse esforço de categorização ajuda a termos uma vista, mesmo que aérea e introdutória, da produção histórica presente na *Revista do Instituto*. Nestes anos iniciais de produção, a construção de balizas norteadoras de homens, eventos, espaços e tempos para a construção de uma noção de passado coletivo para o Ceará se evidencia por meio de pequenas histórias das espacialidades, memórias e reproduções documentais consideradas como chave para a defesa de uma noção de Ceará.

O primeiro ano de publicação, 1887, é composto, além da apresentação da revista e do estatuto do *Instituto do Ceará*, por uma biografia, *A vida de Antônio Rodrigues Ferreira*, de autoria de Paulino Nogueira (1887a, pp. 13-51); pela reprodução documental, o *Testamento de Antônio Rodrigues Ferreira* (1887, pp. 53-55), as *Cópias de Offícios Trocados entre a Presidência da Província e o Instituto do Ceará* (1887, pp. 73-74); por



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

“memórias” como as do padre Vicente José Pereira (1887, pp. 58-64; 75-82) e a de Manoel Esteves de Almeida (1887, pp. 80-85). Há contribuições poéticas de Juvenal Galeno pelo registro de *Novas Canções Populares* (1887a, pp. 65-69) e de uma nova letra, *Os dois imperadores – Revolução do México* (1887b, pp. 204-205). Houve ainda a publicação de um extenso *Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceará*, de Paulino Nogueira Borges da Fonseca (1887b, pp. 209-435), além de textos que buscam criar intrigas históricas, como *Fazer o Bem, não cates a quem – uma página do Senhor Alencar*, de Guilherme Studart (1887, pp. 87-91), ou *Origens Americanas, Immigrações prehistóricas*, de Joakim Catunda (1887, pp. 92-102), ou o já discutido *A primeira villa da província – notas para a História do Ceará*, de Perdigão de Oliveira (1887, pp. 103-203).

Atentando-nos a estes últimos três textos, sua composição assemelhasse a uma resenha de documentos, esforçando-se pouco em construir uma intriga narrativa que envolva o leitor. Talvez maior esforço nesse sentido seja identificado na obra de *Guilherme Studart*. Os textos, em sua composição, não se atentam para uma pluralidade de personagens e passados para a composição de um ideário do que é o Ceará. Para além dos dedicados a resenhas históricas, podemos perceber que o que mais se debruça, de alguma forma, em estudar a lógica do diferente, em olhar o *outro*, certamente, é o volumoso *Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceará*, escrito por Paulino Nogueira (1887b) que, em forma de dicionário, em diálogo com outros textos e documentos, apresenta uma grande quantidade de verbetes em suas centenas de páginas sem, no entanto, centrar-se em uma tentativa de compreensão das populações originárias e em algum diálogo de que incentive um estudo cuidadoso dos diferentes passados a serem pensados em tão diversas comunidades que tiveram dimensões das suas línguas sintetizadas em um documento constituído para a consulta.

No ano seguinte, 1888, as dinâmicas dos textos continuam similares. As reproduções documentais têm grande espaço, com destaque para os *Notícias da Freguesia de N. S. da Conceição da Caissara*, escrito mais de um século antes pelo pároco da espacialidade que veio, anos depois, a ser Sobral, padre João Ribeiro Pessoa (1888, pp. 136-150). As biografias assinadas por Paulino Nogueira da Fonseca, *O Padre Ibiapina* (FONSECA, 1888c, pp. 157-220) e *O Naturalista João da Silva Feijó* (FONSECA, 1888b, pp. 247-276), somadas a outras construções de narrativas espaciais, como a já analisada *Fortaleza do Ceará*, também de Paulino Nogueira da Fonseca (1888a, pp. 121-135) e o *Município de Pereiro*, de Antônio Augusto (1888, pp. 103-108; 237-246), *Descrição do Município de Barbalha*, de Guilherme Studart (1888, pp. 9-18), e *A primeira freguesia da província*, de Perdigão de Oliveira (1888, pp. 223-236) ganham maior espaço. Novamente, a intriga histórica não é o interesse central dos textos, sendo a noção de prova documental fundamental protagonista para os interesses dos intelectuais em seu processo de escrita, ou seja, na eleição de documentos a serem reproduzidos nas páginas da *Revista do Instituto*.

Nesse quesito, especialmente em *Notícias da Freguesia de N.S. da Conceição da Caissara*, é perceptível um interesse dos editores da *Revista do Instituto* em garantir a perpetuação de um documento especialmente relevante. Este documento ganhou outras camadas de uso ao longo do tempo, sendo, inclusive, tratado como um texto fundador para uma noção de historiografia em Sobral apesar desta espacialidade sequer existir como tal no momento de sua escrita. A publicação do manuscrito de autoria do então cura João Ribeiro Pessoa, escrito ainda em 1767, seis anos antes da Caiçara deixar de ser povoado e



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

se tornar uma vila, passando a ter como nome Vila Distinta e Real de Sobral denota uma intencionalidade de tornar este texto em um modelo, especialmente porque atende a um olhar sobre os *outros* em posição de hierarquização, buscando explicar a gênese de uma territorialidade importante para o Ceará, no caso, Sobral e outras espacialidade da bacia do Rio Acaraú, priorizando a narrativa em prol da colonização realizada por homens brancos e católicos (ROCHA, 2023, pp. 74-81).

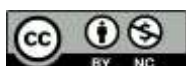
Em 1889, uma biografia e uma memória ganham protagonismo no corpo do periódico. As principais biografias foram as direcionadas ao Padre Mororó e Pessoa Anta, escritas e publicadas como um mesmo texto, fracionado em duas partes no corpo da *Revista do Instituto* (BRÍGIDO, 1889, pp. 28-50; 61-75). Já o texto *Sobre a Capitania do Ceará*, é a reprodução de uma memória de João da Silva Feijó (1889, pp. 3-27), importante naturalista que fez estudos a mando da Coroa portuguesa ao longo das décadas finais do século XVIII na Capitania do Ceará. Os textos não compuseram grandes agrimensuras do tempo ou do espaço, sem demonstrarem nenhuma construção narrativa sobre a história de uma espacialidade em si, sendo os textos mais assemelhados ao que hoje entendemos como escritos de demografia ou de geografia.

No ano seguinte, em 1890, especialmente por conta dos trabalhos de Perdigão de Oliveira e de Paulino Nogueira da Fonseca, os trabalhos sobre a história do Ceará ganham protagonismo na escrita, sendo *A villa de Quixeramobim*, de Perdigão de Oliveira (1890, pp. 273-296), e *Antonio José Victoriano Borges da Fonseca – e seu governo no Ceará*, de Paulino Nogueira da Fonseca (1890, pp. 189-247), os principais destaques. Neles, em meio a concorrência nas páginas da *Revista do Instituto* com textos de outros gêneros, continuamos a ver pouco inventividade e imaginação historiadora na composição dos textos historiográficos.

Essas composições são fortemente influenciadas pela elaboração de cronologias, com o recorrente recurso de citação direta e extensiva de documentos, a fim de proporcionar ao leitor uma forma de mediação do que os autores consideram o que havia de mais importante para a composição de um arquivo para a história do Ceará. As narrativas não eram formuladas por intrigas históricas e, novamente, os personagens que não se enquadravam na posição de homens, brancos e católicos, ocupavam apenas papéis secundários dentro da trama apresentada pelos autores. O *outro*, quando citado, era apenas parte de uma paisagem, quase que naturalizado dentro da narrativa de memórias ou biografias de homens tratados como protagonistas pelo discurso da Revista do Instituto.

Por fim, finalizando o recorte escolhido, em 1891, além das cronologias e da reprodução de documentos, é o texto *Criação da Villa de Sobral*, de Perdigão de Oliveira (1891, pp. 109-120), que ganha protagonismo e, mais uma vez, não parece se preocupar com a construção de uma intriga historiográfica, mas sim com a noção de verificação e composição de comprovação de um discurso.

Novamente, Sobral é escolhida como protagonista nas páginas da Revista do Instituto. Nos anos seguintes, tanto esta espacialidade, como outras tantas, retornarão a aparecer a fim de contribuírem para a composição de um passado comum para a noção de Ceará, integrando os processos históricos, personagens e eventos em dinâmicas que, gradativamente, perpassarão do local ao regional. No texto, Perdigão de Oliveira busca restituir a data correta para a elevação de Sobral a condição de vila, ao iniciar um diálogo com autores como Senador Pompeu e João Brígido, apontando que estes *erraram* na



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

cronologia do evento, apresentando, em sequência, uma a documentação que, na visão de Perdigão de Oliveira, restituiria a verdade, e, por isso, justificaria a publicação de seu texto.

Ao adentrar aos textos nesses cinco primeiros anos de *Revista do Instituto*, pode-se avaliar que os manuscritos mantêm parilhas em estruturas e noções orientadoras de elaboração. Narrativas que apresentam as histórias das espacialidades, geralmente, indicam um processo de colonização, guiado pela participação da Igreja Católica ou por uma determinação política, articulados a citação, muitas vezes direta, de um documento que busca comprovar a gênese daquele evento, oficializando-o em uma visão de história do Ceará. As biografias tentam dar conta, em estratégias de composição muito similares, de uma narrativa positiva sobre o biografado, erigindo versões quase hagiográficas de personagens políticos e religiosos que conectaram as espacialidades do Ceará. As memórias, por fim, trazem maior heterogeneidade em suas composições, especialmente por serem, especialmente, de diferentes momentos históricos, funcionando como testemunhos dos escritores de memórias de eventos relevantes para a história cearense. Todos esses gêneros, de uma forma ou outra, podem ser entendidos como o que Maria da Glória Oliveira (2015, p. 276) chamou, ao analisar as biografias produzidas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, de “problema historiográfico”, pois, as biografias, bem como as memórias e a corografias, atendem a ambições de verdade similares ao da historiografia.

Dessa forma, avaliando a história das produções contidas na *Revista do Instituto*, e me colocando a avaliar entre serem um processo de *invenção*, dentro da óptica de Albuquerque Júnior, ou de *fabricação*, dentro da visão de Certeau, tendo a avaliar os textos mais próximos da segunda forma. Os textos históricos (e de outros gêneros que dialogam com o conhecimento histórico) estão mais próximos de um processo de fabricação, atendendo às dinâmicas próprias que Certeau pensar na construção do conhecimento histórico, especialmente às ligadas ao lugar social de produção do discurso, atravessados por práticas que são postuladas e defendidas, do que a processos de escrita inventivos e com aspirações (ou inspirações) artísticas. São textos que seguem, apesar de sua multiplicidade, aspectos que parecem advir da mesma linha de montagem, onde o *lugar do outro*, ou melhor, a lógica que se dá ao diferente, é sempre mediada por operações de hierarquizações, dando ao Ceará, um discurso de pretensa herança europeia, em contraposição aos outros atores históricos.

### O lugar do morto e o lugar do espaço...

Há cinquenta anos, Certeau (2010 [1975], p. 107) afirmou que “[...] a escrita representa o papel de um *rito de sepultamento*: ela exorciza a morte introduzindo-a no discurso”. As escritas da história, em nosso caso aqui as produzidas na *Revista do Instituto do Ceará*, funcionam em uma semântica próxima a esse postulado, indicando a possibilidade de ordenar o tempo, de construir marcos basilares e de instituir no discurso uma narrativa que pretensamente deseja organizar espaços.

Assim, ela, a escrita, cumpre a segunda dimensão apontada por Certeau, pois, ao ter “[...] uma função *simbolizadora*; permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe, na linguagem, um passado e abrindo assim um espaço próprio para o presente”. O ato de escrita da história é sempre, então, uma composição contínua de elaboração do *tempo* e do *espaço* (entendido aqui tanto na dimensão geográfica, quanto na dimensão de espaço



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

textual). Complementa Certeau (2010 [1975], p. 107),

[...] marcar um passado, é dar um lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, conseqüentemente, utilizar a narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos.

O espaço construído pelos intelectuais que escreveram nos primeiros anos do *Instituto do Ceará*, buscou reordenar tempos e espaços a fim de compor um “novo tempo”, o da “ciência”, do “conhecimento”, da “civilização” e da “verdade”, possibilitando condições de afirmar uma identidade dita racional para a composição da ideia de Ceará. O lugar para os vivos, no caso em questão, os próprios sócios fundadores ativos publicadores na *Revista do Instituto*, indicam a tentativa de delimitar um prestígio que sobrevivesse à crítica do tempo, o que, de certa forma, avalio como exitoso para suas pretensões, afinal é inegável o papel de protagonismo na *Revista do Instituto* na composição da ideia de uma *história do Ceará*. Entretanto, essa versão de Ceará que é construída é marcada pela ordenação de tempos e espaços hierarquizados, onde *as lógicas dos outros, a heterologias*, têm funções apenas para a composição da diferença e da afirmação de alguma perspectiva de unidade entre os cearenses que os intelectuais da *Revista do Instituto* almejam eleger.

Compreendo, junto a Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no texto *O espaço em cinco sentidos: sobre a cultura, poder e representações espaciais* (2008, p. 108), que “Um espaço é formado por natureza, sociedade e discurso”, sendo o discurso histórico protagonista da agrimensura dos espaços e nas construções das identidades que compõem uma sociedade. Tanto a escrita como a composição da materialidade da *Revista do Instituto* indicam as estratégias para o estabelecimento e manutenção da centralidade do poder para Fortaleza. Os gestos fundacionais que percorremos nos primeiros anos de publicação indicam essas possibilidades de empreendimento político do fazer histórico, com ares de ciência, mas, como adverte Certeau desde o começo desse texto, com dinâmicas de ficção.

Com Certeau (2010), compreendemos a nossa atividade como uma constante relação de alteridade com *outro*, no tempo e no espaço. A heterologia, ou seja, a lógica do outro, estudada por nós, historiadores, revela, em suma, tanto um pouco das composições do *tempo vivido* em decorrência das operações do que Ricoeur (2010) chama de operações de figuração na narrativa histórica, quanto, talvez mais, sobre as próprias intencionalidades do historiador no *tempo narrado*, na *escrita da história*. Essa é uma das dimensões fundamentais da história da historiografia, o de tentativa de compreensão, em diferentes camadas, como seres humanos representam *outros* ao longo do tempo, sendo compositores de próprias dimensões temporais. A *Revista do Instituto*, dessa forma, é um arquivo riquíssimo para o estudo das composições sobre tempos, espaços, identidades e subjetividades que almejam dar formas simbólicas ao Ceará.

Concordo tanto com Paul Ricoeur (2007), em *A memória, a história, o esquecimento*, quanto com Michel de Certeau (2010), em *A operação historiográfica*, que a escrita da história é concebida a partir de um processo refinado, sendo o *lugar social, prática e escrita*, na perspectiva de Certeau, ou o *arquivamento, compreensão/explicação e representação*, na visão de Ricoeur, os movimentos da pesquisa histórica que indicam as escolhas realizadas pelos historiadores em suas operações historiográficas, demonstrando o movimento de suas carnes, como Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2025) demonstra



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

em seu último livro, *A pele da história*. Portanto, avalio que estudar a escrita/representação do conhecimento histórico produzido na *Revista do Instituto do Ceará*, nos dá diversas possibilidades de compreender as conexões entre autores, tempos e espaços. Nesse texto, exploramos apenas algumas chaves possíveis. Intencionamos propor, futuramente, outras.

De Fortaleza, produziu-se uma história do Ceará que hierarquiza espaços, de tempos e de personagens, reforçando a centralidade da capital política do estado, em detrimento de outros espaços, imprimindo também uma centralidade intelectual, concebendo homens, espaços e ideias modelares para o Ceará. Podemos postular novos *sepultamentos* a fim de produzir novos espaços possíveis de escrita? Espero que sim.

Se estamos cada vez mais em uma dinâmica de história global (Subrahmanyam, 2017), defendo que possamos agir, como propôs Serge Gruzinski (2001) como eletricitistas, conectando histórias e possibilitando que o *outro*, esse ser ausente da historiografia, seja respeitosamente integrado ao discurso histórico, possibilitando que, mesmo em tempos de importantes discussões como a do *antropoceno*, as *histórias locais* continuem a ter sua importância. Como inquietação que continua a me atravessar, assim como Belchior, desejo continuar a estudar e poder afirmar que “conheço o meu lugar”.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru (SP): Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920 – 1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A pele da história: corpo, tempo e escrita historiográfica*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2025.

ALMEIDA, Manoel Esteves de. Registro de Memória dos Primeiros Estabelecimentos. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887.

BELCHIOR, Antonio Carlos. *Todos os Sentidos*. Warner, 1978.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRÍGIDO, João. Biografia de João de Andrade Pessoa Anta. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano III, 1889.

CATUNDA, Joakin. Origens Americanas, Imigrações prehistóricas. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

CERTEAU, Michel De. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránsky. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CERTEAU, Michel De. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CERTEAU, Michel De. *O lugar do outro: história religiosa e mística* [2005]. Petrópolis: Vozes, 2021.

CEZAR, Temístocles. L'écriture de l'histoire au Brésil au XIXe siècle: essai sur l'utilisation des modèles anciens et modernes de l'historiographie. *Historiografías, revista de historia y teoría*, Zaragoza, v. 2, p. 45-65, jul./dez. 2011.

CHAKRABARTY, Dipesh. A póscolonialidade e o artifício da história. *Práticas da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, [S. l.], n. 11, p. 247–277, 2020. DOI: 10.48487/pdh.2021.n11.24352. Disponível em: <https://praticasdahistoria.pt/article/view/24352>. Acesso em: 8 oct. 2024.

FEIJÓ, João da Silva. Sobre a Capitania do Ceará. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano III, 1889.

FERREIRA, Antônio Rodrigues. O testamento de Antônio Rodrigues Ferreira. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887.

FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. A vida de Antônio Rodrigues Ferreira. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887a.

FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceará. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887b.

FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. Fortaleza do Ceará. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano II, 1888a.

FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. O Naturalista João da Silva Feijó. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano II, 1888b.

FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. O Padre Ibiapina. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano II, 1888c.

FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. Antonio José Victoriano Borges da Fonseca – e seu governo no Ceará. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano IV, 1890.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

FREIRE, Camila de Sousa. *O Instituto do Ceará e a identidade regional a partir do movimento abolicionista cearense (1884-1956)*. 2018. 210 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Território) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

GALENO, Juvenal. Novas Canções Populares. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887a.

GALENO, Juvenal. Os dois imperadores – Revolução do México. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887b.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*. *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 175-195.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1998. p. 5-27.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra (org.). *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 9-24.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LACAPRA, Dominick. *Compreender outros: povos, animais, passados*. Tradução de Luís Reyes Gil. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará: memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. Sobral: Sertão Cult, 2024.

OLIVEIRA, João Baptista Perdigão de. A primeira Villa da Província: notas para a História do Ceará. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887.

OLIVEIRA, João Baptista Perdigão de. A Primeira Freguezia da Província. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano II, 1888a.

OLIVEIRA, João Baptista Perdigão de. O Resumo Chronologico para a Historia do Ceará pelo Senr. Major João Brigido dos Santos – Ligeira apreciação por J. B. Perdigão de Oliveira. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano II, 1888b.

OLIVEIRA, João Baptista Perdigão de. A Villa de Quixeramobim. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano III, 1890a.

OLIVEIRA, João Baptista Perdigão de. Um capítulo da História do Ceará – Ligeiras Rectificações - Conquista dos Indígenas. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano III, 1890b.

OLIVEIRA, João Baptista Perdigão de. Creação da Villa de Sobral. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano IV, 1891.

OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano de. *Normas e formas da escrita da História do Ceará*



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

(1884-1903). 2023. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 154-178, 2007.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Biografia e historia magistra vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista. *Anos 90, [S. l.]*, v. 22, n. 42, p. 273–294, 2015. DOI: 10.22456/1983-201X.48408. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/48408>. Acesso em: 8 dez. 2025.

PEIXOTO, Renato Amado. *A Máscara da Medusa: a construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX*. Tese (doutorado). UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em História Social, 2005.

PEREIRA, Vicente José. Memória do Padre Vicente José Pereira. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887.

PESSOA, João Ribeiro. Notícias da Freguezia da N.S. da Conceição da Caissára: dadas pelo Rev.do Cura e Vigario da Vara actual d'ella Dr. João Ribeiro Pessoa anno de 1767. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano II, 1888.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. 3 volumes. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Thiago Braga Teles da. “*Apelando para a justiça de Deus, na voz da História*”: a fabricação de passados por padres em Sobral (1922 – 1991). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

RODRIGUES, Karla Cristine. *Um filho para a Pátria: a construção da memória em torno do general Tibúrcio e a escrita da história do Ceará (1887-1937)*. 176f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2016.

SANTOS, João Brígido dos. *Resumo Chronologico para a História do Ceará*. Paris: Guillard, Aillaud & Cia, s/d.

STUDART, Guilherme Chambly. Fazer o Bem, não cates a quem – uma página do Senhor Alencar. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887.

STUDART, Guilherme Chambly. A Descrição do município de Barbalha. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano II, 1888.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da História Global: Aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 30, n. 60, p. 219-240, jan./abr. 2017.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

VASCONCELOS, Antonio Augusto de. Município de Pereiro. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano I, 1887.

### Notas de autoria

Thiago Braga Teles da Rocha. Possui graduação em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2013) e doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2023). É professor da Secretaria da Educação do Estado do Ceará - SEDUC/CE, da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades - PPGHCE UECE E-mail: [thiagorochoa1990@gmail.com](mailto:thiagorochoa1990@gmail.com)

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

ROCHA, Thiago Braga Teles da. Conexões de escrita do tempo, de espaços e do outro: heterologias na Revista do Instituto do Ceará (1887-1891). *Sæculum – Revista de História*, v. 30, n. 53, p. 139-159, 2025.

### Contribuição de autoria

Não se aplica

### Financiamento

Não se aplica

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

### Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### Histórico

Recebido em 10/09/2025

Reapresentado em 12/12/2025

Aceito em 15/12/2025



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)